

## **Frames discursivos do feminicídio: violência simbólica e misoginia a partir do**

### ***superframe* Violência\_Justificada**

*Discursive frames of femicide: symbolic violence and misogyny from the  
superframe Justified\_Violence*

**Murilo Guerreiro de Souza**

Universidade de Santa Cruz do Sul – Rio Grande do Sul – Brasil

**Isabel Schul Rubert**

Universidade de Santa Cruz do Sul – Rio Grande do Sul – Brasil

**Letícia Hentschke**

Universidade de Santa Cruz do Sul – Rio Grande do Sul – Brasil

**Diego Spader de Souza**

Universidade de Santa Cruz do Sul – Rio Grande do Sul – Brasil



**Resumo:** Este artigo analisa os mecanismos discursivos que sustentam a naturalização da violência de gênero em ambientes digitais, tendo como objeto de estudo a repercussão do feminicídio de Eliza Samudio. O objetivo central é investigar os *frames* semânticos que emergem em comentários misóginos, os quais, em vez de repudiarem o delito, atuam na deslegitimação da vítima e na justificação simbólica do crime. Fundamentado na interface entre a Semântica de *Frames*, de Charles Fillmore, e as teorias sobre dominação e patriarcado de Pierre Bourdieu, Heleieth Saffioti e bell hooks, o estudo examina como a linguagem opera como *locus* de perpetuação da violência. Metodologicamente, adotou-se uma abordagem que articula a interpretação qualitativa assistida por ferramentas da Linguística de *Corpus* (via AntConc), aplicadas a um *corpus* piloto de 75 comentários extraídos de publicações no Facebook a partir de 2022. Os resultados demonstram que a misoginia se organiza hierarquicamente sob o *superframe* *Violência\_Justificada*, desdobrando-se em categorias operacionais de culpabilização, estigmatização e desmoralização da vítima, além da minimização do crime e apoio ao agressor.

**Palavras-chave:** Feminicídio. Semântica de *Frames*. Violência Simbólica. Discurso de ódio. Eliza Samudio.

**Abstract:** This article analyzes the discursive mechanisms that sustain the naturalization of gender-based violence in digital environments, focusing on the repercussions of the Eliza Samudio femicide. The central objective is to investigate the semantic frames emerging in misogynistic comments, which, rather than repudiating the offense, act to delegitimize the victim and symbolically justify the crime. Grounded in the interface between Charles Fillmore's Frame Semantics and the theories on domination and patriarchy by Pierre Bourdieu, Heleieth Saffioti, and bell hooks, the study examines how language operates as a locus for the perpetuation of violence. Methodologically, the study adopts a qualitative-interpretative approach assisted by Corpus Linguistics tools (via AntConc), applied to a pilot corpus of 75 comments extracted from Facebook posts from 2022 onwards. The results demonstrate that misogyny is hierarchically organized under the *Justified\_Violence* superframe, unfolding into operational categories of victim blaming, stigmatization, and demoralization, as well as crime minimization and support for the aggressor.

**Keywords:** Femicide. Frame Semantics. Symbolic Violence. Hate speech. Eliza Samudio.

## 1 Introdução

A violência de gênero constitui um problema estrutural e histórico que se perpetua há séculos nas sociedades, manifestando-se em suas formas mais extremas no feminicídio. Promulgada em 2015, a Lei nº 13.104 tipificou esse delito no ordenamento jurídico brasileiro, inserindo-o como qualificadora do crime de homicídio. Tal legislação o define como o assassinato de mulher cometido por razões da condição de sexo feminino, as quais se configuram quando o ato envolve violência doméstica e familiar e/ou menosprezo ou discriminação à condição de mulher (Brasil, 2015). A despeito dos avanços legislativos, a persistência e a brutalidade desses crimes, frequentemente expostos pela mídia, impõem à academia a tarefa de compreender os mecanismos sociais e discursivos que permitem a sustentação e, pior, a justificação dessa violência.

Em vista disso, as plataformas de redes sociais, em especial as caixas de comentários em publicações sobre casos de feminicídio, tornam-se um potencial campo de análise. Longe de serem neutras, essas interações digitais funcionam como potentes ferramentas discursivas que, muitas vezes, em vez de repúdio, reproduzem e naturalizam a violência de gênero. Nesse contexto, a linguagem não atua como mero veículo de comunicação, mas como o próprio *locus* onde a violência é perpetuada e legitimada. A análise linguística, portanto, torna-se indispensável para desnudar as ideologias que garantem a impunidade social, revelando um ciclo de agressão que não termina com a morte física da vítima, mas se renova na memória discursiva.

Para analisar tais mecanismos de naturalização que operam nesses comentários, esta pesquisa mobiliza o aporte teórico-metodológico dos *frames* semânticos. Parte do quadro teórico da Linguística Cognitiva, a Semântica de *Frames* define *frame* como estruturas de conhecimento prévio que

organizam, a partir de sua ativação, a compreensão e interpretação de eventos e conceitos (Fillmore, 1982). Neste estudo, entretanto, expandimos o escopo da teoria para além de sua aplicação lexical tradicional. Adotamos uma perspectiva discursiva que postula que os *frames* não são ativados apenas por palavras isoladas, mas podem ser evocados por enunciados mais amplos ou por estruturas discursivas inteiras (Ziem, 2014; Vereza, 2013; 2016; Morato, 2013; Parintins Lima, 2019; 2020; 2024, van Dijk, 2023).

Como objeto de estudo empírico, selecionamos o caso de Eliza Samudio, ocorrido em 2010. Embora anterior à tipificação legal do feminicídio no ordenamento jurídico brasileiro, esse caso permanece em evidência nas mídias por sua contínua e controversa repercussão. A análise, que articula uma abordagem qualitativa-interpretativa e ferramentas da Linguística de *Corpus* (via AntConc), recai sobre um *corpus* piloto de 75 comentários, extraídos de 10 publicações em grandes veículos de imprensa no Facebook sobre o caso, datadas a partir de 2022.

Os resultados deste estudo piloto indicam que a misoginia nos comentários analisados obedece a uma arquitetura hierarquizada sob o *superframe*<sup>1</sup> *Violência\_Justificada*<sup>2</sup>. Para além disso, esse sistema se desdobra em cinco categorias operacionais: a culpabilização, a estigmatização e a desmoralização da vítima, somadas à minimização do crime e ao apoio ao agressor. O objetivo deste artigo é, portanto, apresentar e discutir os *frames* sociocognitivos que emergem destes discursos misóginos, dissecando como eles operam para deslegitimar a vítima e naturalizar o crime.

A fim de alcançar esse objetivo, o presente estudo está assim organizado: a Seção 2 apresenta referencial teórico sobre violência simbólica e de gênero; a Seção 3 detalha a Semântica de *Frames* (Fillmore, 1982; 1985) e justifica a escolha por uma perspectiva discursiva para os *frames*; a Seção 4 expõe a abordagem metodológica, que emprega

<sup>1</sup>Na Semântica de *Frames* e na FrameNet, o conceito de *superframe* designa um *frame* "pai" ou abstrato em uma hierarquia de herança, cujas propriedades e elementos são transmitidos a subframes mais específicos (Ruppenhofer; Boas; Baker, 2017).

<sup>2</sup>Em conformidade com a convenção estabelecida na literatura clássica da Semântica de *Frames*, os nomes dos *frames* serão grafados utilizando a fonte Courier New.

ferramentas de *corpus* como suporte à análise qualitativa para a identificação dos frames; a Seção 5 apresenta a análise e discussão dos resultados, detalhando a arquitetura do *superframe* *Violência\_Justificada* e seus cinco *frames* operacionais; a Seção 6 verbaliza nossas considerações finais.

## 2 Breves palavras sobre violência simbólica e de gênero

Para compreender o caso de Eliza Samúdio em seu aspecto social, autores como Heleieth Saffioti, bell hooks<sup>3</sup> e Pierre Bourdieu oferecem instrumentos fundamentais para interpretá-lo – sobretudo no que diz respeito aos comentários misóginos que o acompanharam – como expressão de estruturas de dominação historicamente enraizadas na sociedade brasileira. Longe de ser um episódio isolado, o modo como Eliza foi tratada pela opinião pública revela mecanismos simbólicos que sustentam e atualizam o patriarcado.

Em *Gênero, Patriarcado, Violência* (2015), Heleieth Saffioti analisa o papel da mulher na sociedade e desnaturaliza a ideia de submissão feminina. A socióloga lembra que, embora o patriarca não detenha mais legalmente o poder de vida e morte sobre mulheres e filhos, tal poder persiste no plano concreto, manifestando-se nos inúmeros casos de feminicídio cometidos brutalmente. A reação social e jurídica, afirma a autora, é atravessada pelo sexismo, transformando a vítima em ré. No caso de Eliza Samúdio, essa lógica se evidencia através de comentários que, mesmo de maneira inconsciente, procuram culpabilizá-la, desmoralizá-la e justificar o crime, desviando o foco da violência sofrida e transferindo responsabilidades para a própria vítima.

Essas manifestações revelam o funcionamento do mecanismo patriarcal que absolve o agressor e pune a vítima. Pierre Bourdieu aprofunda esse fenômeno em *A Dominação Masculina* (2010) ao discutir a virilidade como carga social que exige do

homem a afirmação constante de sua honra por meio do controle, inclusive pela violência. A mulher, por sua vez, possui uma “honra essencialmente negativa” (p. 64), que pode ser facilmente questionada por um gesto, rumor ou decisão. Essa lógica estrutura as acusações dirigidas a Eliza, frequentemente rotulada como “maria-chuteira”, “interesseira” ou “golpista”. Além disso, o conceito de violência simbólica de Bourdieu ajuda a compreender como esse processo de culpabilização se sustenta: ao compartilhar esquemas hierarquizantes naturalizados, a sociedade aceita como legítima a ideia de que certos corpos femininos merecem menos credibilidade e proteção. Assim, discursos que sugerem que Eliza “provocou” sua própria morte reforçam a assimetria de gênero que organiza as percepções sociais sobre vítimas e culpados.

A análise de bell hooks aprofunda esse entendimento ao mostrar como mulheres também são:

[...] socializadas pelo pensamento patriarcal para enxergar a nós mesmas como pessoas inferiores aos homens, para nos ver, sempre e somente, competindo umas com as outras pela aprovação patriarcal, para olhar umas às outras com inveja, medo e ódio (hooks, 2018, p. 22-23).

A misoginia dirigida a Eliza não partiu apenas de homens, mas também de mulheres ao reproduzirem discursos deslegitimadores. Como aponta hooks, o pensamento sexista reforça a vigilância e o controle sobre os comportamentos femininos que escapam às normas, especialmente aqueles relacionados à sexualidade, à maternidade e à autonomia. Nesse sentido, as reações ao caso evidenciaram que a humanidade de Eliza foi submetida a um tribunal moral que pesa de forma desigual sobre as mulheres.

Desse modo, as leituras de Saffioti, Bourdieu e hooks permitem compreender que os discursos produzidos sobre Eliza Samudio são manifestações de um sistema que mantém vivo um enredo antigo: o da mulher cujo corpo, moral e existência se tornam campo de disputa simbólica, onde o poder masculino é

<sup>3</sup>A autora opta deliberadamente por grafar seu pseudônimo em letras minúsculas como forma de deslocar a atenção de sua identidade pessoal para suas ideias, valorizando a coletividade.

constantemente reafirmado. O caso de Eliza revela como o patriarcado opera não apenas na violência física, mas também no discurso, no julgamento público e na construção de narrativas que desvalorizam a voz feminina. Assim, fica evidente que romper com tais estruturas exige não apenas responsabilizar os agressores, mas também desmantelar os mecanismos que permitem que a sociedade culpabilize as vítimas e normalize a violência de gênero.

### 3 Um modelo semântico da compreensão: os frames de Charles Fillmore

A Semântica de *Frames* constitui um modelo teórico de análise linguística do significado proposto por Charles J. Fillmore (1982; 1985) e desenvolvido com colaboradores (Fillmore; Atkins, 1992, Baker; Fillmore; Lowe, 1998; Petruck, 1996). Considerada uma das teorias mais influentes da Linguística Cognitiva (cf., por exemplo, Croft; Cruse, 2004), a Semântica de *Frames* parte do princípio de que palavras e expressões servem como pontos de acesso para estruturas esquemáticas de conhecimento – os *frames* – que lhes preenchem com significado. Em suma, a palavra leva ao *frame* (Souza; Santos; Chishman, 2025).

Segundo Fillmore (1982), o *frame* designa um sistema de conceitos organizados de tal forma que a ativação de um conceito retoma o sistema como um todo. Por exemplo, palavras como *garçom*, *cardápio* e *conta* são compreendidas a partir do *frame* de Restaurante.

O fenômeno da polissemia ilustra bem o papel dos *frames*; o item lexical *cabeça* em português brasileiro pode ativar *frames* distintos dependendo do contexto:

1. “Bati a cabeça”: ativa um *frame* de *Partes\_do\_Corpo* (remetendo a um uso denotativo).
2. “Ele é o cabeça do grupo”: ativa um *frame* de *Liderança* (designando um uso metafórico).<sup>4</sup>

Nesses casos, os *frames* atuam como a estrutura cognitiva de fundo que permite aos falantes interpretar o uso da palavra em diferentes contextos.

O modelo teórico dos *frames* possui as seguintes características essenciais:

- A) Os *frames* expressam conhecimento enciclopédico: o significado é ancorado em um complexo sistema de conhecimento de mundo compartilhado pela comunidade, transcendendo traços semânticos mínimos (Fillmore, 1985).
- B) São ancorados no contexto de uso e sensíveis à cultura: o contexto determina o significado ativado, e a cultura dita nuances (como o valor afetivo que percebemos em usos como *Hoje é dia de apagar velinhas*, em que o diminutivo de “vela” contribui para a ativação de um *frame* de Aniversário) (Petruck, 1996).
- C) São estruturas de expectativa: a ativação de um *frame* (como Restaurante) gera previsões sobre o que deve ocorrer naquela cena (o garçom traz o cardápio) (Santos, 2020).
- D) Os *frames* caracterizam um modelo semântico da compreensão (Fillmore, 1985): a Semântica de *Frames* se posiciona de forma contrária às chamadas “semânticas da verdade”.

#### 3.1 A escolha de uma perspectiva discursiva para os *frames*

A partir da década de 1990, a Semântica de *Frames* deu origem ao projeto FrameNet (<https://framenet.icsi.berkeley.edu/>), uma base de dados lexical para o inglês com forte compromisso com a Lexicografia e a Linguística Computacional (Baker; Fillmore; Lowe, 1998). Esse projeto impõe metodologias altamente rígidas e uma

<sup>4</sup>Os *frames* utilizados no exemplo foram consultados na FrameNet de Berkeley, a partir da busca pela unidade lexical “head” (<https://framenet.icsi.berkeley.edu/lus?q=head>).

ultraformalização das categorias, visando a descrição sistematizada do léxico (Souza, 2019).

Embora o FrameNet forneça uma base importante, esta pesquisa opta por uma abordagem dos *frames* que se alinha a estudos mais holísticos e socioculturalmente guiados (Ziem, 2014; Vereza, 2013; Morato; Bentes, 2013; Parintins Lima, 2024, van Dijk, 2023), distanciando-se da rigidez formalista e computacional da FrameNet.

A relevância do *frame* para uma perspectiva discursiva reside justamente na sua capacidade de ir além do item lexical isolado. Conforme mencionado, os *frames* podem ser ativados por unidades maiores, como um discurso ou um texto (Santos; Souza; Chishman, 2025). Essa característica é o ponto de contato que justifica a inserção da Semântica de *Frames* em uma análise discursiva (Santos, 2019; Souza, Santos; Chishman, 2025):

- Padrões de conhecimento amplos: os *frames*, ao mapearem o conhecimento enciclopédico e culturalmente sensível, constituem o substrato cognitivo a partir do qual as interações discursivas e as ideologias são construídas e negociadas. A compreensão de fenômenos como a violência simbólica de gênero – tema central deste artigo – depende da ativação e do questionamento de grandes *frames* socioculturais que estruturam as expectativas e as relações de poder.
- Estruturas de expectativa discursiva: a ativação de um *frame* em um contexto discursivo não apenas evoca a cena, mas também o conjunto de expectativas (papéis sociais, valores) associadas a essa cena. É essa estrutura de expectativa que, quando violada ou explorada, gera o ruído, o estranhamento ou o efeito ideológico que se busca analisar.
- Vínculo com o contexto sociocultural: A sensibilidade cultural dos *frames* permite que o significado seja investigado como um fenômeno dinâmico e contextualizado,

essencial para qualquer análise que considere o discurso como prática social.

Portanto, em rejeição à ultraformalização lexicográfica do FrameNet, esta pesquisa posiciona os *frames* como estruturas cognitivas amplas, culturalmente sensíveis e ancoradas no conhecimento de mundo (Ferrari, 2011), que oferecem o arcabouço necessário para a interpretação de sentido em nível discursivo. Esta abordagem permite que o modelo de Fillmore seja aplicado para identificar e analisar como o conhecimento de fundo é usado, projetado e manipulado na produção e compreensão de um discurso específico, como será demonstrado na discussão sobre violência simbólica de gênero.

#### 4 Sobre a metodologia

Nesta pesquisa, adotamos uma abordagem qualitativa-interpretativa que instrumentaliza ferramentas da Linguística de *Corpus* como suporte para a sistematização dos dados, articulando-as à Semântica de *Frames* a fim de investigar a construção discursiva da violência simbólica e do julgamento moral nos comentários sobre o caso. Para tanto, constituímos o *corpus* de análise (um *corpus* piloto, que deverá ser expandido em etapas futuras da pesquisa) com 75 comentários coletados em dez publicações distintas no *Facebook*, veiculadas por páginas oficiais de grandes portais de notícias brasileiros referentes ao feminicídio de Eliza Samudio. O recorte temporal abrange interações publicadas a partir de 2022, extraídas especificamente da seção “Todos os comentários”<sup>5</sup>.

A escolha por este objeto de estudo justifica-se pelo seu caráter midiático, que continua a gerar engajamento e novas produções discursivas, mesmo decorrida mais de uma década do crime. Essa persistência temporal revela que o evento transcende a esfera jurídica para se consolidar como padrão recorrente no imaginário social brasileiro sobre violência de gênero. A título de ilustração dessa vitalidade discursiva no debate público amplo – e

<sup>5</sup>Selecionada entre as três opções de filtragem disponíveis na plataforma: “Mais relevantes”, “Mais recentes” e “Todos os comentários”.

servindo como evidência da reatualização constante dos julgamentos morais –, observamos frequentemente a emergência de paralelos retóricos com outros casos famosos, como o de Elize Matsunaga, nos quais se articula uma preferência pela figura da mulher autora do crime em detrimento da vítima de feminicídio (“antes Elize do que Eliza”).

No que tange à triagem dos dados, aplicamos um recorte temático intencional: selecionamos exclusivamente os comentários de teor negativo, filtrando e excluindo as manifestações de solidariedade à vítima. Tal estratégia fundamenta-se no objetivo central de mapear a emergência de *frames* originados a partir de um *superframe* da Violência\_Justificada.

Para o processamento do *corpus*, utilizamos o software AntConc (Anthony, 2024) como recurso de sistematização e ordenação dos dados, viabilizando o concordanciamento e a identificação de padrões lexicais. Inicialmente, os comentários foram compilados em formato de texto plano (.txt), preservando a grafia original e os elementos visuais (emojis). Mantivemos os emojis por compreendê-los como marcadores discursivos da comunicação digital, comumente responsáveis por carregar o tom irônico em sentenças. Na sequência, essa organização viabilizou a geração da lista de frequência de palavras (*Wordlist*), que apresenta o ranqueamento lexical do *corpus* da ocorrência mais à menos frequente, e da lista de concordância KWIC (*Keyword-in-Context*), permitindo observar cada item inserido em seu contexto discursivo imediato. A partir dessas extrações, procedeu-se à leitura e limpeza das listagens, removendo ocorrências não relacionadas ao fenômeno investigado, refinando assim o conjunto de dados para a análise.

A etapa analítica subsequente, amparada por essa estruturação prévia, fundamentou-se na identificação das unidades lexicais (ULs) a partir da lista de palavras, bem como das unidades discursivas (UDs) derivadas da lista KWIC. Dessa forma, a definição dos *frames* semânticos obedeceu a uma lógica estritamente *bottom-up*: as categorias não foram impostas *a priori*, mas sim emergiram do

processamento lexical e da observação dos padrões recorrentes nos dados. Embora tomemos como referência ampla o modelo da FrameNet, adaptamos o nível de formalização de suas categorias computacionais para privilegiar uma interpretação socioculturalmente situada. Por fim, a análise culminou na descrição da microestrutura dos *frames*, composta pela elaboração de uma glosa explicativa e pela determinação dos elementos de *frame* (EFs). Esse mapeamento estrutural permitiu conectar os achados linguísticos aos mecanismos sociológicos de violência simbólica e dominação de gênero discutidos na fundamentação teórica, articulação que passamos a detalhar na apresentação dos resultados a seguir.

## 5 Análise e discussão dos resultados

A imersão nos dados revelou que a misoginia digital, longe de ser um amontoado caótico de insultos, estrutura-se como um sistema cognitivo coerente. Identificamos a ação de um *superframe* regente: a Violência\_Justificada. Este *superframe* atua como uma premissa maior, um guarda-chuva ideológico que abriga *frames* subordinados, cada um desempenhando uma função específica na economia moral do discurso patriarcal. Nesse sentido, a nomenclatura de cada *frame* foi definida a partir das Unidades Lexicais (ULs) recorrentes. Portanto, os rótulos atribuídos sintetizam a cena prototípica evocada pelos agrupamentos de palavras, traduzindo o padrão lexical em uma categoria funcional de violência. Abaixo, detalhamos os cinco *frames* operacionais que sustentam essa lógica.

### 5.1 O triângulo da desumanização: culpabilização, estigmatização e desmoralização

Este primeiro bloco analítico foca nos *frames* que têm a **Vítima** (Eliza) como objeto central da predicação. O objetivo discursivo aqui é atacar a condição de “sujeito de direitos” da vítima, transformando-a em algo (objeto) ou alguém (sujeito desviante) passível de eliminação.

### 5.1.1 *Frame*: Culpabilização\_da\_Vítima

Quadro 1 – Estrutura do *frame* Culpabilização\_da\_Vítima

Componente	Descrição
<b>Glosa</b>	O evento trágico é interpretado como uma consequência natural ou previsível das escolhas da <b>Vítima</b> . A responsabilidade é deslocada do agressor para a <b>Vítima</b> ( <i>Entidade_Responsabilizada</i> ) devido ao seu <b>Comportamento</b> ( <i>Causa</i> ), resultando em <b>Morte/Tragédia</b> ( <i>Resultado</i> ).
<b>Elementos de Frame (EFs)</b>	<i>Entidade_Responsabilizada</i> (Vítima); <i>Resultado</i> (Morte/Tragédia); <i>Causa</i> (Comportamento).
<b>Unidades Lexicais (ULs)</b>	culpa (s.), culpada (adj.), procura (v.), procurou (v.), queria (v.).

Fonte: elaborado pelos autores.

A seguir, apresentamos instâncias discursivas extraídas do *corpus* que materializam a ativação desse *frame*:

**(1) Enunciado (comentário):** “Mas nunca foi feito um exame pra provar que o filho é dele. Na época foi dito que a Eliza tinha fugido com o marido da mãe. A mãe dela nem se comunicava com ela. Não justifica o que ele fez, mas ela tb teve sua parte de **culpa** nessa história. Só tenho pena do garoto nessa história toda 😞”.

- **Evocador do *frame* (unidade discursiva):** “ela tb teve sua parte de **culpa**”.
- **Mecanismo de violência simbólica:** Mobiliza a “honra essencialmente negativa” (Bourdieu, 2010), onde a credibilidade da mulher é anulada por rumores. A dúvida moral (“fugido com marido da mãe”) serve como base para a suspensão da empatia, validando a ideia de que a proteção à vida da mulher depende da comprovação de uma conduta sexual imaculada.

**(2) Enunciado (comentário):** “O BRUNO PODE SER **CULPADA**;;MAIS VOCÊ É MUITO MAIS DONA MORTA”.

- **Evocador do *frame* (unidade discursiva):** “O BRUNO PODE SER **CULPADA**;;MAIS VOCÊ É MUITO MAIS DONA MORTA”.
- **Mecanismo de violência simbólica:** Materializa a “transformação da vítima em ré” denunciada por Saffioti (2015). A comparação assimétrica (“muito mais”) estabelece que a suposta falha comportamental da mulher (ser a “dona” do risco) pesa socialmente mais do que o crime do homem, operando o mecanismo patriarcal que absolve o agressor e pune a vítima.

**(3) Enunciado (comentário):** “inocente mesmo.....tem mulher que **procura** e acha”.

- **Evocador do *frame* (unidade discursiva):** “tem mulher que **procura** e acha”.
- **Mecanismo de violência simbólica:** Atualiza o poder de vida e morte no “plano concreto” (Saffioti, 2015). Ao estabelecer uma relação de causalidade direta (“procura e acha”), o discurso naturaliza a violência como uma resposta inevitável, retirando a agência criminal do assassino e posicionando a morte como consequência lógica da insubmissão feminina.

Estes três exemplos ilustram o funcionamento central do mecanismo de violência simbólica apresentado neste artigo: a inversão da agentividade. No entendimento de um homicídio padrão, temos um **Assassino** (*Agente*) que mata uma **Vítima** (*Paciente*). Já aqui, no *frame* *Culpabilização\_da\_Vítima* construído pelo discurso misógino, a **Vítima** é promovida sintático-semanticamente à posição de **Entidade\_Responsabilizada** (“ela procurou”, “ela é dona”, “ela teve culpa”), enquanto o assassino é

apagado ou transformado em força da natureza reativa. Essa manobra cognitiva permite que a sociedade mantenha a crença no “mundo justo”: se ela morreu, algo ela fez. Articulando Bourdieu (2010) e Saffioti (2015), conclui-se que este *frame* serve para reestabelecer a ordem patriarcal ameaçada, punindo simbolicamente a mulher que ousou transitar fora dos limites de sua “honra negativa”, transformando o crime de feminicídio em uma sentença moral cumprida.

### 5.1.2 *Frame*: Estigmatização\_da\_Vítima

Quadro 2 – Estrutura do *frame* *Estigmatização\_da\_Vítima*

Componente	Descrição
<b>Glosa</b>	A <b>Vítima</b> ( <i>Entidade_Estigmatizada</i> ) é caracterizada discursivamente como alguém que instrumentaliza uma relação afetiva. A entidade utiliza essas relações ( <i>Meio</i> ) não como fim afetivo, mas como ferramenta estratégica para obter <b>Dinheiro, Fama</b> ou <b>Status</b> ( <i>Objetivo</i> ).
<b>Elementos de Frame (EFs)</b>	<i>Entidade_Estigmatizada</i> (Vítima); <i>Objetivo</i> (Dinheiro/Fama/Status); <i>Meio</i> (Relação afetiva).
<b>Unidades Lexicais (ULs)</b>	dinheiro (s.), maria chuteira (s.), pensão (s.), vantagem (s.), golpe (s.), barriga (s.), interesse (s.).

Fonte: elaborado pelos autores.

Os comentários abaixo ilustram como essa lógica de mercantilização dos afetos se manifesta linguisticamente:

**(1) Enunciado (comentário):** “Todo mundo gosta de **dinheiro** .principalmente quando ver uma oportunidade de ganha ló sem trabalhar .**Maria chuteira**”.

- **Evocador do *frame* (unidade discursiva):** “Todo mundo gosta de **dinheiro**”, “**Maria chuteira**”.
- **Mecanismo de violência simbólica:** Ativa os “esquemas hierarquizantes naturalizados” (Bourdieu, 2010). Ao reduzir a identidade da vítima à troca econômica (“dinheiro”) e ao rótulo estigmatizante, o discurso a posiciona

em uma categoria de corpos que “merecem menos credibilidade e proteção”, legitimando socialmente a violência como resposta à suposta mercantilização afetiva.

**(2) Enunciado (comentário):** “Essa Ex **Maria Chuteira** ainda, #globolixo? 🤢 Virou comida de Pit Bull...”.

- **Evocador do *frame* (unidade discursiva):** “Essa Ex **Maria Chuteira** ainda”.
- **Mecanismo de violência simbólica:** Exemplifica a brutalidade e desumanização descritas por Saffioti (2015). A associação entre o estigma (“Maria Chuteira”) e o descarte do corpo (“comida”) evidencia a redução da mulher à condição de “coisa”

descartável. O discurso valida o poder soberano do patriarca de dispor, literalmente, do corpo da mulher que se tornou um estorvo.

**(3) Enunciado (comentário):** “Quando o **golpe**, não dá certo...”.

- **Evocador do *frame* (unidade discursiva):** “Quando o **golpe**, não dá certo...”.
- **Mecanismo de violência simbólica:** Opera a defesa da virilidade ameaçada (Bourdieu, 2010). A gravidez é reconfigurada semanticamente como um “golpe”, um ataque à honra e ao patrimônio masculino. Sob essa lógica, a violência é implicitamente racionalizada como uma reação defensiva necessária para o homem retomar o controle de sua vida.

A análise dos exemplos acima demonstra como o *frame* *Estigmatização\_da\_Vítima* funciona como um mecanismo de desumanização prévia. Antes de ser possível justificar a morte de uma “mãe” ou de uma “jovem”, é necessário transformar essa pessoa em um estereótipo negativo: a “Maria Chuteira”, a “Golpista”. Linguisticamente, o uso recorrente de termos ligados a um campo semântico financeiro/criminal (“golpe”, “dinheiro”, “vantagem”) desloca a discussão do campo dos Direitos Humanos para o campo do Direito Comercial ou Penal, onde a mulher é a “infratora”. Sociologicamente, isso permite que o agressor seja visto não como um assassino, mas como alguém que reage desproporcionalmente a uma agressão patrimonial injusta. A estigmatização retira da vítima o status de inocente necessário para evocar o luto público.

### 5.1.3 *Frame: Desmoralização\_da\_Vítima*

**Quadro 3 – Estrutura do *frame* *Desmoralização\_da\_Vítima***

Componente	Descrição
<b>Glosa</b>	A <b>Vítima</b> ( <i>Entidade_Avaliada</i> ) é submetida a um processo público de reclassificação identitária pelo <b>Comentarista</b> ( <i>Julgador</i> ), onde sua persona social é desconstruída e substituída por um <b>Rótulo Estigmatizante</b> ( <i>Atributo Moral</i> ). Esse processo opera através da negação de qualidades valorizadas (como “mãe” ou “honesta”), imputando à vítima uma conduta desviante que anula sua respeitabilidade e funciona como justificativa retrospectiva para a sua “morte social” ou física.
<b>Elementos de <i>Frame</i> (FEs)</b>	<i>Entidade_Avaliada</i> (Vítima); <i>Julgador</i> (Comentarista); <i>Atributo Moral</i> (Impureza/Desonestidade/Conduta sexual).
<b>Unidades Lexicais (ULs)</b>	garota de programa (s.), modelo (s. - em negação), santa (adj. - em negação), p#t4/puta (s.), piriguete (s.), respeito (s.).

Fonte: elaborado pelos autores.

Vejamos como essa desconstrução da imagem moral da vítima ocorre nos dados analisados:

**(1) Enunciado (comentário):** “Gente, bora falar a verdade, ela não era **modelo** ela era **garota de programa**, a imprensa usa a palavra “modelo” como

um eufemismo. Foi lamentável o que aconteceu com ela”.

- **Evocador do *frame* (unidade discursiva):** “ela não era **modelo** ela era **garota de programa**”.

- **Mecanismo de violência simbólica:** Opera uma disputa semântica que, mesmo lamentando a morte, reclassifica a vítima em uma categoria estigmatizada. Ao negar o status de “modelo” e impor o de “garota de programa”, o discurso mobiliza valores conservadores/religiosos que associam o trabalho sexual à imoralidade. Essa rotulagem aciona a lógica que transforma a vítima em ré (Saffioti, 2015), sugerindo que sua conduta desviante justifica a transferência da culpa por sua morte.

**(2) Enunciado (comentário):** “Elisa chequei a ver vídeos dela de **santa** ingênua não tinha nada 😏😏😏😏😏”.

- **Evocador do *frame* (unidade discursiva):** “de **santa** ingênua não tinha nada 😏😏😏😏😏”.
- **Mecanismo de violência simbólica:** Instala o “tribunal moral” descrito por hooks (2018), que vigia e pune as mulheres que falham em performar a pureza. A exposição da intimidade serve como prova acusatória, sugerindo que a ausência de “santidade” anula a condição de vítima. O escárnio (emojis) reflete a misoginia socializada que celebra a punição da mulher “impura”.

**(3) Enunciado (comentário):** “Infelizmente essas moças não se dão ao **respeito** não pensam que podem se darem mal, e nesse caso essa moça perdeu a vida e ainda deixou filho nessa situação tão difícil, que ela tenha sido acolhida em um bom lugar.”.

- **Evocador do *frame* (unidade discursiva):** “Infelizmente essas moças não se dão ao **respeito**”.
- **Mecanismo de violência simbólica:** Transfere para a mulher a responsabilidade integral pela manutenção de sua integridade física através do conceito de “dar-se ao respeito”. Esse discurso naturaliza a violência como uma resposta disciplinar (Saffioti, 2015) contra corpos femininos que, aos olhos do

jugador, falharam em manter a conduta de recato exigida pelo sistema de dominação.

Os exemplos do *frame* *Desmoralização\_da\_Vítima* revelam um mecanismo de higienização moral do feminicídio. Ao insistir obsessivamente que Eliza “não era santa”, “era garota de programa” ou “não se dava ao respeito”, os comentaristas estão, na verdade, construindo uma barreira moral que impede a identificação com a vítima. Na lógica patriarcal, só a “mulher honesta” (a mãe de família, a santa, a virgem) é digna de luto. A mulher “desviante” é uma vida matável. Do lado linguístico, esse *frame* opera pela negação de atributos positivos e imposição de atributos negativos ligados à sexualidade. Quanto ao sociológico, ele reafirma que a proteção dos Direitos Humanos das mulheres é condicional: ela depende da aprovação patriarcal de sua conduta sexual. O desrespeito à vida é legitimado pelo desrespeito anterior da mulher às normas de gênero.

## 5.2 A blindagem patriarcal: minimização e apoio

O segundo movimento do *superframe* *Violência\_Justificada* volta-se para a figura do **Agressor** (Bruno). Aqui, a estratégia não é atacar, mas proteger, absolver e reabilitar.

### 5.2.1 Frame: Minimização do Crime

Quadro 4 – Estrutura do *frame* Minimização do Crime

Componente	Descrição
<b>Glosa</b>	O <b>Crime</b> ( <i>Evento</i> ) é questionado em sua existência factual ou redefinido discursivamente como um erro comum, uma fatalidade ou uma responsabilidade compartilhada. O <b>Comentarista</b> ( <i>Entidade_Avaliadora</i> ) utiliza <b>Estratégias de Mitigação</b> ( <i>Atenuante</i> ), como a alegação de falta de provas materiais ou a construção de uma falsa simetria de culpas, para diminuir o peso punitivo e moral do ato, dissociando-o da categoria de violência extrema.
<b>Elementos de Frame (FEs)</b>	<i>Entidade_Avaliadora</i> (Comentarista); <i>Evento</i> (Crime/Feminicídio); <i>Atenuante</i> (Ausência de corpo/Erro compartilhado imputado à vítima).
<b>Unidades Lexicais (ULs)</b>	erro (s.), dois (num.), tragédia (s.), mas (conj.).

Fonte: elaborado pelos autores.

Os excertos a seguir demonstram a aplicação retórica dessa estratégia de diluição de culpa:

**(1) Enunciado (comentário):** “Erros dos dois o filho sofre, Deus o abençoe esse garoto!!!!”.

- **Evocador do frame (unidade discursiva):** “Erros dos dois”.
- **Mecanismo de violência simbólica:** A reclassificação do feminicídio como “erro” remove a intencionalidade jurídica e moral do ato. Ao atribuir falhas aos “dois”, o enunciado estabelece uma equivalência que apaga a assimetria de poder denunciada por Saffioti (2015), sugerindo que a morte da mulher foi apenas o desfecho infeliz de responsabilidades mútuas, e não uma execução unilateral planejada.

**(2) Enunciado (comentário):** “a culpa é dos dois irresponsáveis...que geraram uma criança por ambição e outro por prazer”.

- **Evocador do frame (unidade discursiva):** “a culpa é dos dois irresponsáveis”.

- **Mecanismo de violência simbólica:** Mobiliza os “esquemas hierarquizantes naturalizados” (Bourdieu, 2010) ao contrapor a “ambição” (vício moral ligado à honra negativa) da mulher ao “prazer” (atributo naturalizado da virilidade) do homem. A divisão de culpas sustenta-se na ideia de que a falha moral dela é tão grave quanto a irresponsabilidade dele, justificando o desfecho.

**(3) Enunciado (comentário):** “Sei que nao justifica. **mas** Na boa.. Elisa tb não era santa. Elisa não amava o Bruno Bruno não amava Elisa Sexo sem Projeção e obrigação de **ambos**. Tenho pena da criança.”.

- **Evocador do frame (unidade discursiva):** “Sei que nao justifica. **mas...**”, “Sexo sem Projeção e obrigação de **ambos**”.
- **Mecanismo de violência simbólica:** O uso do adversativo “mas” anula a condenação inicial do crime, abrindo espaço imediato para o “tribunal moral” descrito por hooks (2018). A exigência de que a vítima fosse “santa” para ser digna de luto reflete a vigilância patriarcal sobre a pureza feminina. Ao falhar nesse teste

de “santidade”, a mulher perde sua blindagem contra a violência, tornando o crime uma consequência racionalizada e emocionalmente aceitável.

A partir destes exemplos percebemos que o *frame* *Minimização\_do\_Crime* revela uma estratégia de diluição da responsabilidade penal. Ao utilizar sistematicamente termos duais (“os dois”, “ambos”, “erro dos dois”), o discurso apaga a realidade material do feminicídio, que é, por definição, um ato

unilateral de poder, e transforma a clara hierarquia de agência e subordinação presente em “Bruno mandou matar Eliza” na vaga simetria de que “houve erros de ambos os lados”. O efeito prático dessa distorção é proteger a integridade da masculinidade hegemônica: admite-se que o homem errou, mas garante-se que ele não errou sozinho, nem errou sem motivo, preservando parcialmente sua honra ao sujar a honra da vítima na mesma medida.

## 5.2.2 *Frame: Apoio ao Agressor*

**Quadro 5** – Estrutura do *frame* *Apoio ao Agressor*

Componente	Descrição
<b>Glosa</b>	O <b>Agressor</b> ( <i>Entidade_Apoiada</i> ) é posicionado como o verdadeiro protagonista. O <b>Comentarista</b> ( <i>Apoiador</i> ) adota uma de duas posturas: (i) Minimiza o <b>Crime</b> ( <i>Evento</i> ), classificando-o como “erro” ou “pecado” para pleitear a <b>Reinserção Social/Profissional</b> ( <i>Retomada</i> ); ou (ii) Exalta o <b>Crime</b> como um ato de Justiça/Heroísmo, definindo o assassinato como uma resposta legítima à conduta da vítima. No segundo caso, o apoio não é apesar do crime, mas por causa dele.
<b>Elementos de Frame (FEs)</b>	<i>Entidade_Apoiada</i> (Agressor); <i>Apoiador</i> (Comentarista); <i>Evento</i> (Crime); <i>Retomada</i> (Reinserção Social/Profissional).
<b>Unidades Lexicais (ULs)</b>	Herói (s.), Pecador (s.), Coragem (s.), A favor (expr.), Ajudar de forma errada (expr.), Acredito (v.), Representa (v.), Pagou a pena (expr.), Pagou a dívida (expr.), Deus (s.), Julgar (v. - proibição de).

Fonte: elaborado pelos autores.

Abaixo, observamos como essa inversão de valores é verbalizada em defesa do feminicida:

**(1) Enunciado (comentário):** “Sou a favor do Bruno, afinal, enquanto não aparece o corpo, não existe crime. A Elisa TB não é santa!!! Ameaça, é uma coisa, matá-la é outra situação!!! Não gosto do Bruno, porém o q é certo, é certo.”.

- **Evocador do *frame* (unidade discursiva):** “Sou a favor do Bruno”.
- **Mecanismo de violência simbólica:** Opera a “transformação da vítima em ré” (Saffioti,

2015). O apoio ao agressor é condicionado à desqualificação moral da vítima (“não é santa”). O mecanismo estabelece que, para que o crime exista socialmente, a vítima precisaria ter uma “honra positiva” (Bourdieu, 2010). Na falta desta (a dúvida sobre a localização do corpo), a eliminação física é reclassificada como um não-evento jurídico, validando o poder concreto do patriarca.

**(2) Enunciado (comentário):** “A realidade ninguém gosta de ouvir e ficam vitimando os culpados !! A Eliza

era uma garota de programa e tentou extorquir o Bruno através do filho e pagou um auto preço!! Os (amigos) do goleiro Bruno **tentou ajudar ele de forma errada** e estragou a vida dele !! O garoto é a única vítima inocente dessa história!! Eliza era a mulher do golpe e cai quem que 😊😊😊😊😊”.

- **Evocador do *frame* (unidade discursiva):** “Os (amigos) do goleiro Bruno tentou **ajudar ele de forma errada** e estragou a vida dele”.
- **Mecanismo de violência simbólica:** Ativa a “defesa da virilidade” (Bourdieu, 2010) como valor supremo. O feminicídio é semanticamente rebaixado a um erro procedimental (“forma errada”) de uma intenção legítima (ajudar/proteger o patrimônio). O foco na “vida dele” revela a hierarquia onde a existência da mulher (“do golpe”) é um acessório descartável diante da trajetória do herói masculino.

**(3) Enunciado (comentário):** “Esse é meu **herói**, esse me **representa**, teve a **coragem** de fazer o q eu e milhões de homens gostaríamos de fazer e não temos **coragem** pq pensão alimentícia NÃO É SALÁRIO.”.

- **Evocador do *frame* (unidade discursiva):** “Esse é meu **herói**, esse me **representa**”, “teve a **coragem** de fazer o q eu e milhões de homens gostaríamos de fazer e não temos **coragem**”.
- **Mecanismo de violência simbólica:** Explicita a “aprovação patriarcal” (hooks, 2018) em sua forma mais crua. O crime não é tolerado, é celebrado como ato de coragem (virilidade). O agressor torna-se o representante do desejo coletivo masculino de controle total sobre a mulher. A violência deixa de ser um desvio para ser o cumprimento exemplar da dominação masculina descrita por Bourdieu (2010).

Os dados do *frame* Apoio\_ao\_Agressor demonstram que o apoio a Bruno não ocorre apesar de ele ser um assassino condenado, mas, em muitos

casos, precisamente por causa de sua capacidade de exercer a violência letal contra uma mulher considerada “inconveniente”. A linguagem utilizada (“herói”, “coragem”, “vítima de golpe”) opera uma reabilitação moral instantânea, onde o feminicida é reintegrado à comunidade dos homens honrados como alguém que fez o que precisava ser feito, ainda que de forma errada. Isso evidencia a tese de Saffioti (2015) sobre a cumplicidade masculina no patriarcado: a sociedade (incluindo muitas mulheres alienadas pelo machismo) se identifica mais com o homem que mata para proteger seu patrimônio do que com a mulher que morre para garantir os direitos do filho. O feminicídio nesses *frames* deixa de ser crime hediondo e torna-se legítima defesa do status *quo* de gênero.

## 6 Considerações Finais

Este estudo analisou a arquitetura da misoginia digital no caso Eliza Samudio, articulando a Semântica de *Frames* a uma perspectiva discursiva. A pesquisa demonstrou que o discurso de ódio online opera sob o *superframe* Violência\_Justificada, um sistema cognitivo que organiza a agressão em cinco *frames* operacionais divididos em dois eixos: o triângulo da desumanização da vítima e a blindagem do agressor.

Linguisticamente, observou-se uma inversão de agentividade: a vítima é responsabilizada pelo crime enquanto o agressor é silenciado ou transformado em figura reativa. O uso do software AntConc validou esses padrões de forma empírica, revelando unidades lexicais recorrentes que ativam esquemas de “higienização moral” do feminicídio. O discurso impõe a “santidade” como condição para o luto, reiterando que a vida da mulher permanece condicionada à aprovação patriarcal.

Embora os resultados deste estudo piloto apontem para uma alta coerência no sistema de justificação da violência, eles são preliminares. Futuras etapas da pesquisa devem expandir o *corpus* e incluir outros casos para testar a validade externa do *superframe* identificado, refinando o mapeamento das

categorias de deslegitimação da mulher na memória discursiva brasileira.

## Referências

- ANTHONY, L. **AntConc (versão 4.3.1) [Computer Software]**. Tóquio, Japão: Waseda University, 2024. Disponível em: <http://www.laurenceanthony.net/software>. Acesso em: 21 nov. 2025.
- BAKER, Collin F.; FILLMORE, Charles J.; LOWE, John B. The Berkeley FrameNet Project. In: **Proceedings of the 36th Annual Meeting of the Association for Computational Linguistics and 17th International Conference on Computational Linguistics (COLING-ACL'98)**. Montreal, Quebec, Canada: Association for Computational Linguistics, 1998. p. 86-90.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BRASIL. **Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015**. Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Brasília, DF: Presidência da República, 2015. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm). Acesso em: 29 nov. 2025.
- CROFT, William; CRUSE, D. Alan. **Cognitive linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- FERRARI, Lilian. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.
- FILLMORE, Charles J. Frame Semantics. In: THE LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (Ed.). **Linguistics in the Morning Calm: Selected Papers from SICOL-1981**. Seoul: Hanshin Publishing Co., 1982. p. 111-138.
- FILLMORE, Charles J. Frames and the semantics of understanding. **Quaderni di Semantica**, [s. l.], v. 6, n. 2, p. 222-254, 1985.
- FILLMORE, Charles J.; ATKINS, B. T. S. Toward a Frame-Based Lexicon: The Semantics of RISK and Its Neighbors. In: LEHRER, A.; KITTAY, E. F. (Eds.). **Frames, Fields and Contrasts: New Essays in Semantic and Lexical Organization**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1992. p. 75-102.
- HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina. *Frames em jogo na construção discursiva e interativa da referência*. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 55, n. 1, p. 125–137, 2013. DOI: 10.20396/cel.v55i1.8636599.
- PARINTINS LIMA, R. *Frames em textos: enquadramentos de racismo em artigos de opinião sobre a #SomosTodosMacacos*. **Todas As Letras - Revista De Língua e Literatura**, v. 26, n. 2, p. 1–18, 2024.
- PETRUCK, Miriam R. L. Frame Semantics. In: VERSCHUEREN, J. et al. (Eds.). **Handbook of Pragmatics**. Amsterdam: John Benjamins, 1996. p. 1-13.
- RUPPENHOFER, J.; BOAS, H. C.; BAKER, C. F. FrameNet. In: FUENTES-OLIVERA, P. A. (Ed.). **The Routledge Handbook of Lexicography**. Londres: Routledge, 2017.
- SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- SANTOS, A. N.; SOUZA, D. S.; CHISHMAN, R. Reframing the frame: toward a socio-cognitive perspective on fillmorean theory. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 67, p. e025027, 2025. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8680047>. Acesso em: 6 fev. 2026.
- SOUZA, D. S. **Entre conceitos e conce(p)tos: uma proposta teórico-metodológica na interface entre a onomasiologia, a Lexicografia e a Semântica Lexical Cognitiva**. 2019. 211 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.
- SOUZA, D. S.; SANTOS, A. N.; CHISHMAN, R. Todos os caminhos levam aos frames semânticos: como a teoria fillmoriana se tornou o pilar

silencioso da linguística cognitiva. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 50, n. 99, p. 27-39, 2025.

Disponível em:

<https://seer.unisc.br/index.php/signo/article/view/20507>. Acesso em: 6 fev. 2026.

VAN DIJK, Teun A. Analyzing Frame Analysis: A Critical Review of Framing Studies in Social Movement Research. **Discourse Studies**, v. 25, n. 1, p. 153-178, mar. 2023. DOI: 10.1177/14614456231155080.

VEREZA, Solange. Entrelaçando frames: a construção do sentido metafórico na linguagem em uso. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 55, n. 1, p. 109–124, 2013. DOI: 10.20396/cel.v55i1.8636598.

ZIEM, Alexander. **Frames of understanding in text and discourse**. Amsterdam: John Benjamins, 2014.